



**LOS QUE A TRAVÉS DE SUS LÁGRIMAS.
IN: CASTRO, ROSALÍA DE. *POESÍA*.
MADRID: ALIANZA EDITORIAL, 2003, P.
302-306.**

Tais Matheus da Silva*

* taismatheusilva@gmail.com

Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Campus Araraquara; Professora de Educação Básica, Técnica e Tecnológica, na área de Português e Espanhol, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP/Campus Itaquaquecetuba.

A escritora Rosalía de Castro é comumente aclamada por sua produção em língua galega, principalmente pela obra *Cantares gallegos*, de 1863, marco do ressurgimento cultural galego. A inegável importância e o valor estético dos *Cantares* são exaltados pela crítica especializada, além de impulsionarem a tradução de seus poemas em galego para o português. No Brasil, contamos com a tradução de uma antologia organizada por Ecléa Bosi,¹ com textos majoritariamente originais do galego, e uma “versão” – como nomeia o autor – de poemas galegos, de Andityas Soares de Moura Costa Matos.²

Da antologia organizada por Ecléa Bosi, constam apenas três poemas originais do castelhano, “De pó e lama nascidos”³, “Nos ecos do órgão”⁴ e “Enquanto o gelo as recobre”.⁵ Esse dado, de modo algum, significa descuido da tradutora.

O fato é que a crítica rosaliana dedica-se pouco ao estudo de sua poesia em língua castelhana em benefício da poesia em língua galega, de modo que aquela se torna marginal inclusive na escolha dos tradutores.

Rosalía de Castro não possui uma sistemática produtiva que permite aos estudiosos classificar sua obra em fases, tanto pela alternância de gêneros – poesia, prosa – como de línguas – galego e castelhano. No entanto, é possível pensar em fases de produção em cada língua e/ou gênero. Assim, sua poesia em língua espanhola apresenta dois momentos: *La flor*, que marca sua estreia na literatura em 1857 e, apesar das imperícias técnicas, foi elogiado pela crítica da época; e *En las orillas del Sar*, última obra publicada por Rosalía de Castro, um ano antes de sua morte em 1885. Essa obra é responsável pelo título de precursora da lírica

1. CASTRO. *Poesía*.

2. CASTRO. A rosa dos claustros.

3. CASTRO. *Poesía*, p.120

4. CASTRO. *Poesía*, p.121

5. CASTRO. *Poesía*, p.122

moderna de língua castelhana, devido aos experimentos formais e temáticos que a escritora leva a cabo.

A tradução que ora se apresenta pertence a *En las orillas del Sar*.⁶ Nesse livro, às margens do rio Sar, isto é, tendo a Galícia apenas como cenário, Rosalía faz pulsar a tensão entre versos dissonantes, avessos à tradição métrica e rítmica espanhola, e a reflexão acerca da angústia, dor da vida e a morte. Sendo sua obra mais intimista, prenuncia temas e recursos estéticos caros aos modernistas espanhóis e existencialistas do século XX.

O poema *Los que a través de sus lágrimas*⁷ narra a trajetória de vitórias e conflitos do escritor, eu lírico do poema e, portanto, narrador de sua própria história. Organizado em seis partes, semelhantes a capítulos ou etapas da narrativa, o poema apresenta um ritmo bastante peculiar, pois na primeira parte mescla versos de arte menor – 7, 8 e 9 sílabas no sistema métrico espanhol – e nas demais partes, majoritariamente versos de 16 sílabas com cesuras, sendo compostos de dois versos de 8 sílabas.

Na métrica espanhola, conta-se até uma sílaba após a última sílaba tônica do verso. Este sistema foi adotado em língua portuguesa até a publicação do *Tratado de metrificação portuguesa*, em 1851, por Antonio Feliciano de Castilho, introdutor do sistema métrico francês no estudo da poesia

de língua portuguesa. Segundo Manoel Said Ali,⁸ a proposta de Castilho é infrutífera para a língua portuguesa, pois contraria a acentuação própria do idioma. A prosódia da língua portuguesa, assim como da espanhola e da italiana, produz mais versos graves, pois são mais numerosos os vocábulos de final átona. Após larga demonstração na tradição lírica da nossa língua, Said Ali afirma que “a terminação em sílaba átona dá-nos a impressão de um movimento rítmico perfeito, que suavemente descai e acaba no ponto onde deve”,⁹ contrariamente aos versos agudos, que terminam de modo abrupto.

Realizamos algumas experiências de adequação dos versos originais ao sistema métrico da língua de chegada, e por vezes os versos perdiam a concisão imagética, determinante no texto original, devido a preenchimentos desnecessários. Deste modo, por tratar-se o sistema métrico comumente adotado na versificação em português de uma convenção pouco adequada ao ritmo do texto original, optamos por manter, o quanto possível, a metrificação e o ritmo que ela engendra do sistema espanhol, seguindo a proposta de Said Ali. Ressaltamos que essa estratégia também foi utilizada por Ecléa Bosi na tradução dos poemas de língua castelhana.

6. Essa e as demais obras da escritora são de domínio público, dada a data de sua publicação.

7. CASTRO. *Poesía*, p. 302-306

8. ALI. Versificação portuguesa

9. ALI. Versificação portuguesa, p. 19

LOS QUE A TRAVÉS DE SUS LÁGRIMAS

Los que a través de sus lágrimas,
 sin esfuerzo ni violencia,
 abren paso en alma afligida
 al nuevo placer que llega;
 los que tras de las fatigas
 de una existencia azarosa,
 al dar término al rudo combate
 cogen larga cosecha de gloria;
 y en fin, todos los dichosos
 cuyo reino es de este mundo,
 y dudando o creyendo en el otro
 de la tierra se llevan los frutos;
 ¡con qué tedio oyen el grito
 del que en vano ha querido y no pudo
 arrojar de sus hombros la carga
 pesada del infortunio!
 — Cada cual en silencio devore
 sus penas y sus afanes
 — dicen —, que es de animosos y fuertes
 el callar, y es la queja cobarde.
 No el lúgubre vaticinio
 que el espíritu turba y sorprende,
 ni el inútil y eterno lamento
 importuno en los aires resuene.

OS QUE ATRAVÉS DE SUAS LÁGRIMAS

Os que através de suas lágrimas
 sem esforço nem violência
 abrem caminho na alma aflita
 ao novo prazer que chega;
 os que passada a fadiga
 de uma existência azarada
 ao dar término ao rude combate
 logram grande colheita de glória
 e enfim, todos os prósperos
 cujo reino é deste mundo,
 e duvidando ou crendo no outro
 desta¹⁰ terra, furtaram os frutos;
 com que tédio ouvem o grito
 do que em vão desejou e não pode
 arrancar de seus ombros a carga
 pesada dos infortúnios!
 — Cada qual em silêncio devore
 Suas penas e seus desejos
 — dizem —, que é do corajoso e forte
 O calar, que é a lamúria cobarde.
 Não o lúgubre vaticínio
 que ao espírito turva e surpreende
 nem o inútil e eterno lamento
 Importuno nos ares ressoe.

10. No texto original, a poeta usa a construção "de la tierra". Optamos por "desta terra" porque o sentido da terra se constrói em oposição com outro mundo (verso 11), de modo que não consideramos haver neste caso uma perda ou deturpação do sentido original.

¡Poeta!, en fáciles versos,
y con estro que alienta los ánimos,
ven a hablarnos de esperanzas,
pero no de desengaños.

II

¡Atrás, pues, mi dolor vano, con sus acerbos gemidos
que en la inmensidad se pierden, como los sordos bramidos
del mar en la soledad que el líquido amargo llena!...
¡Atrás!, y que el denso velo de los inútiles lutos,
rasgándose, libre paso deje al triunfo de los Brutos,
que, asesinados, los Césares ya ni dan premio ni pena...
Pordiosero vergonzante que en cada rincón desierto
tendiendo la enjuta mano detiene su paso incierto
para entornar la salmodia que nadie escucha ni entiende,
me pareces, dolor mío, de quien reniego en buen hora.
¡Huye, pues, del alma enferma! Y tú, nueva y blanca aurora,
toda de promesas harta, sobre mí tus rayos tiende.

III

¡Pensamientos de alas negras!, huid, huid azorados
como bandada de cuervos por la tormenta acosados,
o como abejas salvajes en quien el fuego hizo presa;
dejad que amanezca el día de resplandores benditos
en cuya luz se presienten los placeres infinitos...

Poeta, em singelos versos,
e com lampejo que alenta os ânimos
Venha falar-nos de esperanças,
Porém não de desenganos.

II

Fora¹¹, meu sofrimento vão, com seus acerbos gemidos
que pela imensidão perdem-se, como os surdos bramidos
do mar em sua solidão que o líquido amargo alaga!...
Fora! E que o impenetrável véu desses imprestáveis lutos,
Rasgando-se, espaço dê ao regozijo dos Brutos,
Que, assassinados, os Césares já nem dão prêmio nem paga...¹²
Esmoleiro vergonhoso que em cada rincão deserto
Estendendo a mão enxuta impede seu caminho incerto
para entornar a salmodia que ninguém escuta e entende,
parece-me, meu amargor, quem renego em boa hora.
Foge, pois, da alma enferma! E tu, anova e branca aurora,
Toda de promessas farta, sobre mim seus raios tende.

III

Pensamentos de asas negras! Sumam, sumam assustados
como bandada de corvos pela tormenta acoados
ou como abelhas selvagens a quem o fogo fez presa
deixem que amanheça o dia de resplandores benditos
em cujo brilho se apresentam prazeres infinitos...

11. No texto original, a poeta utiliza "atrás", o que pode indicar algo que está em posição espacial ou temporal anterior. O Dicionário de la Real Academia Española indica, ainda, o uso "para mandar retroceder a alguien", que corrobora o caráter de rechaço pretendido com o uso de "Fora". Esta nota também é válida para a tradução do verso 32.

12. Interessante referência à conspiração e assassinato de Caio Júlio César, no ano de 44 a.C., por Marco Júnio Bruto. A ideia da traição permeia essa imagem, intensificada pelo uso do plural nos nomes Brutus e Césares. A referência ao famoso evento da República Romana também pode ratificar as semelhanças entre a estrutura do poema e as epopeias clássicas.

¡y huid con vuestra perenne sombra que en el alma pesa!
 ¡Pensamientos de alas blancas!, ni gimamos ni roguemos
 como un tiempo, y en los mundos luminosos penetremos,
 en donde nunca resuena la débil voz del caído,
 en donde el dorado sueño para en realidad segura,
 y de la humana flaqueza sobre la inmensa amargura
 y sobre todo el amor que mata, sus alas tiende el olvido.
 Ni el recuerdo que atormenta como horrible pesadilla
 ni la pobreza que abate, ni la miseria que humilla,
 ni de la injusticia el látigo, que al herir mancha y condena,
 ni la envidia y la calumnia más que el fuego asoladoras
 existen para el que siente que se deslizan sus horas
 del contento y la abundancia por la corriente serena.
 Allí, donde nunca el llanto los párpados enrojece,
 donde por dicha se ignora que la humanidad padece,
 y que hay seres que codician lo que harto el perro desdeña;
 allí, buscando un asilo, mis pensamientos dichosos
 a todo pesar ajenos, lejos de los tenebrosos
 antro del dolor, cantemos a la esperanza risueña.
 Frescas voces juveniles, armoniosos instrumentos,
 ¡venid!, que a vuestros acordes yo quiero unir mis acentos
 vigorosos, y el espacio llenar de animadas notas,
 y entre estatuas y entre flores, entrelazadas las manos,
 danzar en honor de todos los venturosos humanos
 del presente, del futuro y las edades remotas.

E sumam com essa perene sombra que na alma pesa
 Pensamentos de asas brancas! Nem gemamos nem roguemos
 como um tempo, nos mundos iluminados entremos
 onde nunca ressoa a voz lamentosa do vencido
 onde o mais¹³ dourado sonho em realidade segura
 e da humana decadência sobre a imensa amargura
 e sobre o amor que mata, suas asas estende o olvido
 Nem a lembrança molesta como horrível ilusão¹⁴
 nem a pobreza que abate, nem miséria que humilha,
 nem da injustiça o açoite, que ao ferir mancha e condena,
 nem a inveja e a falsidade mais que o fogo assoladoras
 existem para o que sente leve o deslizar das horas
 de contento e o abastamento pela corrente serena
 Ali, onde jamais o pranto os párpados enrubesce,
 onde por dita se ignora que a humanidade padece,
 e que há seres que cobiçam o que farto o cão rejeita;
 ali, buscando um asilo, meus pensamentos ditosos
 a todo pesar alheios, distantes dos tenebrosos
 antros da angústia, cantemos às esperanças perfeitas¹⁵.
 Frescas vozes inocentes, harmoniosos instrumentos,
 venham! porque aos seus acordes desejo unir meus acentos
 vigorosos, e o horizonte¹⁶ encher de animadas notas,
 e entre estátuas e entre flores, entrelaçadas as mãos,
 dançar em honra de todos os venturosos humanos
 Do presente, do futuro e das idades remotas.

13. No texto original, a poeta não utiliza o advérbio de intensidade “mais” incluído na tradução para reforçar a ideia de oposição aos sentimentos sombrios retratados nas estrofes anteriores e para manutenção da métrica.
14. No texto original, a poeta utiliza o vocábulo “pesadilla”, em português “pesadelo”. Optamos por construir uma imagem que agregasse a atividade do inconsciente de gerar imagens de carga negativa, e a qualificação de horror. Acreditamos que “atroz ilusão” transmite o desconforto do pesadelo por ser um devaneio desumano, ademais da sequência de vogais baixas que contribuem para a construção da atmosfera disfórica do texto.
15. No texto original, a poeta qualifica as esperanças como risueñas (risueñas), e a rima se constrói com o verbo desdenhar do verso 61. A fim de manter a sonoridade das rimas, optamos por apresentar o par rejeita-perfeitas. Entendemos que a ideia de perfeição contempla o sentido do riso, uma vez que este se coloca em oposição ideal ao sofrimento do mundo concreto.
16. No texto original, a poeta usa a palavra “espacio”. Optamos por traduzir por “horizonte” porque entendemos que o sentido se amplia, pois o horizonte é tanto a totalidade espacial que o eu-lírico pode contemplar no momento da enunciação, como seu futuro.

IV

Y mi voz, entre el concierto de las graves sinfonías,
de las risas lisonjeras y las locas alegrías,
se alzó robusta y sonora con la inspiración ardiente
que enciende en el alma altiva del entusiasmo la llama,
y hace creer al que espera, y hace esperar al que ama,
que hay un cielo en donde vive el amor eternamente.
Del labio amargado un día por lo acerbo de los males,
como de fuente abundosa fluyó la miel a raudales,
vertiéndose en copas de oro que mi mano orló de rosas,
y bajo de los espléndidos y ricos artesonados,
en los palacios inmensos y los salones dorados,
fui como flor en quien beben perfumes las mariposas.
Los aplausos resonaban con estruendo en torno mío,
como el vendaval resuena cuando se desborda el río
por la lóbrega encañada que adusto el pinar sombreja;
genio supremo y sublime del porvenir me aclamaron,
y trofeos y coronas a mis plantas arrojaron
como a los pies del guerrero vencedor en la pelea.

V

Mas un día, de aquel bello y encantado paraíso
donde con tantas victorias la suerte brindarme quiso,
volví al mundo desolado de mis antiguos amores,
cual mendigo que a su albergue torna de riquezas lleno;

IV

E minha voz, no concerto das austeras sinfonias,
dos sorrisos lisonjeiros e das loucas alegrias,
se alçou robusta e sonora com a inspiração ardente
que incendeia na alma altiva de bela esperança a chama,
e faz confiar ao que espera, e faz esperar ao que ama,
que há um céu por onde vive o amor sempiternamente.
Do lábio amargado ora pelo amargo dos horrentes,
como de fonte abundosa rebentou mel a torrentes,
vertendo-se em taças de ouro que estas mãos orlou de rosas,
e abrigado por esplêndidos e ricos artesoados¹⁷,
e nos palácios imensos e pelos salões dourados,
fui como flor em quem bebem perfumes as mariposas.
Os aplausos ressonavam com estrondo ao meu redor,
como o vendaval ressona quando o rio se faz furor
pela lúgubre angustura¹⁸ que austero o pinhal sombreja;
gênio supremo e sublime porvindouro me aclamaram,
e com troféus e coroas os meus pés ornamentaram
bem como aos pés do guerreiro vitorioso na peleja.

V

Mas um dia, daquele belo paraíso encantado
onde com tantas vitórias pela sorte fui brindado,
volvi ao mundo desolado de meus antigos amores,
qual mendigo que ao albergue torna de riquezas cheio;

17. Trata-se de uma técnica arquitetônica frequente nas construções mouriscas, em que o teto é revestido de madeira entalhada manualmente formando mosaicos e impressão abobadada, além de favorecer a acústica do ambiente. Nesse sentido, a referência ao artesoadado dos palácios é interessante porque contribui para tornar os versos dessa estrofe um apelo aos sentidos, com claras referências ao paladar, à visão, à audição e ao olfato.

18. Empregada aqui no sentido de estreitamento acentuado do curso de um rio.

pero al verme los que ausente me lloraron, de su seno
me rechazaron cual suele rechazarse a los traidores.
Y con agudos silbidos y entre sonrisas burlonas
renegaron de mi numen y pisaron mis coronas,
de sus iras envolviéndome en la furiosa tormenta;
y sombrío y cabizbajo como Caín el maldito,
el execrable anatema llevando en la frente escrito,
refugio busqué en la sombra para devorar mi afrenta.

VI

No hay mancha que siempre dure, ni culpa que perdonada
deje de ser, si con llanto de contrición fue regada;
así, cuando de la mía se borró el rastro infamante,
como en el cielo se borra el de la estrella que pasa,
pasé yo entre los mortales como el pie sobre la brasa,
sin volver atrás los ojos ni mirar hacia adelante.
Y a mi corazón le dije: “Si no es vano tu ardimiento
y en ti el manancial rebosa del amor y el sentimiento,
fuentes en donde el poeta apaga su sed divina,
sé tú mi musa y cantemos sin preguntarle a las gentes
si aman las alegres trovas o los suspiros dolientes,
si gustan del sol que nace o se buscan al que declina”.

mas ao ver-me os que choraram minha ausência, de seu seio
me rechaçaram qual se usa rechaçar-se aos traidores.
E com agudos assovios e entre risadas burlonas
renegaram a meu nume e pisaram minhas coroas,
de suas iras cercando-me na apavorante tormenta;
e sombrio e cabisbaixo como Caim, o maldito,
o execrável esconjuro levando na fronte escrito,
refúgio busquei na sombra para devorar a afronta¹⁹.

VI

Não há mancha que sempre dure, nem culpa que perdoada
deixe de ser, se com pranto de contrição foi regada;
e, quando da minha culpa tragou-se o traço infamante,
tal como no céu se apaga rastro de estrela que passa,
passei entre os viventes como os pés por sobre a brasa,
sem volver atrás os olhos, nem sequer olhar adiante.
E ao meu coração murmurei: “Se não é vão o abrasamento,
e de ti o manancial brota do amor e do sentimento,
nascentes em que o poeta sacia sua sede divina,
sê minha musa e cantemos sem interrogar o mundo
se adora às alegres trovas ou aos suspiros profundos,
se gostam do sol que nasce ou se amam o que declina”.

19. No texto original, a poeta utiliza o possessivo “mi” para qualificar a afronta. Entendemos que os sentidos produzidos na estrofe já indicam que a afronta a ser devorada é aquela proferida contra o eu-lírico, de modo que inserir o possessivo “minha” alongaria a métrica sem ganhos semânticos capazes de alterar os sentidos.

REFERÊNCIAS

ALI, Manuel Said. **Versificação portuguesa**. São Paulo: Edusp, 2006.

CASTRO, Rosalía de. **Poesia**. Edição, tradução e notas de Ecléa Bosi. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CASTRO, Rosalía de. **Obras completas**. Vol. 1. Madrid: Turner, 1993.

CASTRO, Rosalía de. **Poesía**. Madri: Alianza Editorial, 2003.

CASTRO, Rosalía de. **A rosa dos claustros**. Trad. Andityas Soares Moura. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.